

Era uma vez duas irmãs muito parecidas, tão feias, estúpidas e más uma como a outra. A terceira, pelo contrário, filha de um segundo casamento, era meiga e bonita. A mãe, que era duquesa, apesar disso odiava-a, e as duas irmãs mais ainda.

A pobre menina não se cansava de lhes fazer as vontades, e desde a manhã até à noite passava a vida a correr aos gritos delas:

– Apanha-me o leque!

– O meu vestido já está passado a ferro?

– Quero o chão brilhante como um espelho! – mandava a duquesa. – Esfrega com força, minha filha, esfrega!

E a menina esfregava, encerava, polia! Mas as irmãs, maldosas, atiravam grandes baldes de água para cima do trabalho que ela tinha feito.

– Em vez de uma cozinha, isto parece mas é um tanque! – troçavam elas. E riam muito quando a irmã, muito assustada, se ia

saia da outra, cosia as rendas... Nunca se tinha divertido tanto!

– Que avental vais pôr esta noite, Gata Borralheira? – perguntavam as más irmãs, fazendo troça –, o vermelho esfarrapado, ou o preto esburacado?

Outra que não fosse ela, tinha-as penteado mal, mas a Gata Borralheira, sempre boa, esmerava-se. E as duas irmãs tão feias, até ficaram quase bonitas. Quando finalmente partiram, a Gata Borralheira, com lágrimas nos olhos, foi à janela para as ver sair.



sentar ao canto da chaminé, junto do borralho. E por isso chamavam-lhe Gata Borralheira.

Certo dia o filho do rei deu um baile. E convidou as meninas, que, muito excitadas, quiseram fazer figura. Não achavam nada suficientemente bonito, original e moderno para aquela ocasião! A Gata Borralheira, carregada de tecidos, corria de uma para a outra: frisava os caracóis a uma, pregueava a

